

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Before the Fall*

Autor: *Noah Hawley*

Copyright © 2016 by Noah Hawley

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Anabela Macedo/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, março, 2018

Depósito legal n.º 437 235/18

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Um avião privado encontra-se parado numa pista de descolagem na ilha de Martha's Vineyard, as escadas de embarque em posição. Trata-se de um *OSPRY 700SL* de nove lugares, fabricado em 2001 em Wichita, no Kansas. É difícil precisar a quem pertence a aeronave. O registo de propriedade está em nome de uma *holding* holandesa com endereço postal nas ilhas Caimão, mas o logótipo na fuselagem é da GullWing Air. O piloto, James Melody, é britânico. Charles Busch, o copiloto, é de Odessa, no Texas. A hospedeira de bordo, Emma Lightner, nasceu em Mannheim, na Alemanha, filha de um tenente da Força Aérea americana e da sua mulher, que foi mãe ainda adolescente. Mudaram-se para San Diego quando Emma tinha nove anos.

Todas as pessoas têm o seu próprio caminho. As escolhas que fizeram. Porque é que duas pessoas acabam por estar no mesmo lugar à mesma hora é um mistério. Entramos num elevador com uma dúzia de desconhecidos. Viajamos de autocarro, esperamos na fila para a casa de banho. Acontece todos os dias. Tentarmos prever os lugares onde iremos e as pessoas que conheceremos seria um exercício perfeitamente inútil.

Um brilho halogéneo suave emana da escotilha dianteira com estore. Em nada se assemelha ao brilho fluorescente intenso dos aviões comerciais. Dentro de duas semanas, numa entrevista para a *New York Magazine*, Scott Burroughs irá dizer que a coisa que mais o surpreendeu na sua primeira viagem num avião privado não foi o espaço para esticar as pernas nem o bar, mas a decoração personalizada da aeronave, como se, num determinado nível de rendimentos, as viagens aéreas não fossem mais do que uma forma de permanecer em casa.

Está uma noite agradável em Martha's Vineyard, 30 graus com uma leve brisa a soprar de sudoeste. A partida está agendada para as 22h00. Nas últimas três horas, uma densa neblina costeira formou-se sobre o estreito, tentáculos brancos compactos esgueirando-se lentamente sobre a pista de descolagem inundada de luz.

A família Bateman é a primeira a chegar, no *Range Rover* que têm na ilha: David, o pai, Maggie, a mãe, e Rachel e J. J., os filhos. É final de agosto e Maggie e as crianças passaram o mês inteiro na ilha, tendo David vindo de avião de Nova Iorque todos os fins de semana. É-lhe muito difícil conseguir mais tempo livre, embora o desejasse. David trabalha na indústria do entretenimento, que é o que as pessoas no seu ramo chamam atualmente ao mundo dos noticiários televisivos. Um circo romano de informação e opinião.

É um homem alto, com uma voz intimidante ao telefone. Os desconhecidos, depois de se encontrarem com ele pessoalmente, ficam impressionados com o tamanho das suas mãos. O filho, J. J., adormeceu no carro e, enquanto os outros passageiros começam a dirigir-se para o avião, David debruça-se sobre o banco de trás e levanta cuidadosamente J. J. do assento do carro, amparando o peso do filho com um braço. O rapaz põe os braços à volta do pescoço do pai num gesto instintivo, o rosto carregado do sono. O calor da sua respiração provoca um arrepio na espinha de David. Sente o osso do quadril do filho na palma da mão, as pernas coladas de cada lado. Com quatro anos, J. J. tem idade suficiente para saber que as pessoas morrem, mas ainda é novo demais para perceber que um dia ele será uma delas. David e Maggie chamam-lhe «máquina de movimento perpétuo», pois na verdade ele é uma agitação constante o dia inteiro. Aos três anos, a principal forma de comunicação do J. J. era rugir como um dinossauro. Agora é o rei das interrupções, questionando cada palavra que os pais dizem com uma paciência aparentemente inesgotável até lhe responderem ou o mandarem calar.

David fecha a porta do carro com o pé, o peso do filho fá-lo desequilibrar-se um pouco. Na mão livre segura o telemóvel encostado ao ouvido.

— Diz-lhe que, caso transmita uma palavra que seja sobre isto — diz em voz baixa, para não acordar o rapaz —, lhe movemos um processo com proporções bíblicas tais que em vez de rãs ele vai ver é advogados a caírem do céu.

Com 56 anos, David ostenta uma grande camada de gordura abdominal, qual colete à prova de bala. Tem queixo pronunciado e uma cabeleira farta. Na década de 1990, David ficou conhecido por organizar campanhas políticas — governadores, senadores e um presidente com dois mandatos —, mas afastou-se em 2000 para gerir uma firma de *lobbying* na K Street. Dois anos depois, um bilionário idoso propôs-lhe a criação de um canal de notícias 24 horas por dia. Treze anos e 13 mil milhões em receitas depois, David tem um gabinete no último piso do edifício, com janelas à prova de bomba e acesso ao avião privado da firma.

Não está com os filhos com muita frequência. David e Maggie estão de acordo em relação a isso, apesar de ser regularmente motivo de discussão. Ou seja, ela traz o assunto à baila e ele fica defensivo, apesar de, no fundo, ser da mesma opinião. Mas o casamento não será isso mesmo, duas pessoas a discutirem o direito territorial sobre os mesmos 15 centímetros?

Agora, na pista de descolagem, levanta-se uma rajada de vento. David, ainda ao telemóvel, olha de relance para Maggie e sorri, e esse sorriso diz: «Estou contente por estar aqui contigo.» Diz: «Amo-te.» Mas também diz: «Sei que estou a meio de uma chamada de trabalho, mas tens de me dar um desconto.» E ainda: «O importante é que estou aqui e estamos todos juntos.»

É um sorriso em jeito de pedido de desculpa, mas também revela alguma dureza.

Maggie retribui o sorriso, mas o dela é mais mecânico, mais triste. A verdade é que já não tem qualquer controlo sobre se o perdoa ou não.

Estão casados há menos de dez anos. Maggie tem 36 anos, é uma ex-professora da pré-primária, a rapariga bonita com quem os rapazes fantasiavam antes de compreenderem sequer o que isso significa — uma fixação por seios partilhada por bebês e adolescentes. Miss Maggie, como eles lhe chamavam, era bem-disposta

e carinhosa. Chegava todos os dias às 6h30 para organizar as coisas. Ficava até mais tarde a escrever relatórios sobre o progresso escolar e a trabalhar no seu planeamento de aulas. Miss Maggie era uma professora com 26 anos natural de Piedmont, na Califórnia, que adorava lecionar. Adorava. Era a primeira adulta que aqueles miúdos com três anos conheciam que os levava a sério, que ouvia o que tinham para dizer e que os fazia sentirem-se crescidos.

Quis o destino, se assim lhe quisermos chamar, que Maggie e David se cruzassem no salão de festas do Waldorf Astoria, numa quinta-feira à noite no início da primavera de 2005. Tratava-se de um baile formal para angariação de fundos escolares. Maggie encontrava-se com uma amiga. David fazia parte da comissão. Ela era a personificação da beleza humilde, com um vestido florido e uma mancha de tinta azul no interior do joelho direito. Ele era um sedutor nato, vestido com um fato clássico de dois botões. Ela não era a mulher mais jovem da festa, ou mesmo a mais bonita, mas era a única com giz dentro da mala, a única capaz de construir um vulcão em pasta de papel e que tinha uma cartola às riscas estilo «O Gato» que levava todos os anos para o trabalho no aniversário do Dr. Seuss. Por outras palavras, era tudo o que David alguma vez desejara numa esposa. Ele pediu licença às pessoas com quem se encontrava e fez a sua abordagem, esboçando um sorriso perfeito.

Em retrospectiva, ela não teve qualquer hipótese.

Dez anos depois, têm dois filhos e uma moradia em Gracie Square. Rachel, com nove anos, frequenta a Brearley com outras cem raparigas. Maggie, agora retirada do ensino, está em casa com J. J., o que faz dela única entre as mulheres da sua posição — as donas de casa despreocupadas casadas com milionários viciados no trabalho. Quando leva o filho no carrinho de manhã ao parque, Maggie é a única mãe não empregada no jardim infantil. Todos os outros miúdos chegam em carrinhos de *design* europeu, empurrados por senhoras residentes na ilha a falarem ao telemóvel.

Agora, na pista de descolagem do aeroporto, Maggie sente um arrepio na espinha e aperta o casaco de malha fina. Os tentáculos de nevoeiro deram lugar a uma ondulação lenta, deslocando-se com uma paciência glacial sobre o alcatrão.

— Tens a certeza de que podemos voar nesta coisa? — pergunta ela, falando para as costas do marido. Ele já alcançou o cimo das escadas, onde Emma Lightner, a hospedeira de bordo, vestida com uma elegante farda de saia-e-casaco azuis, o recebe com um sorriso.

— Vai correr tudo bem, mãe — diz Rachel, nove anos, caminhando atrás da mãe. — Não é como se eles precisassem de ver para pilotarem um avião.

— Pois não, eu sei.

— Têm instrumentos.

Maggie lança um sorriso compreensivo à filha. Rachel traz a mochila verde dela às costas — *Os Jogos da Fome*, bonecas *Barbie* e *iPad* no interior — e, enquanto caminha, esta bate-lhe ritmadamente contra a base das costas. É uma rapariga muito crescida. Não obstante os seus nove anos, percebem-se indícios da mulher em que se irá tornar. Uma professora que espera pacientemente enquanto a outra pessoa tenta descortinar os próprios erros. Por outras palavras, a pessoa mais inteligente presente em determinado espaço, mas não uma exibicionista, nunca uma exibicionista, com um bom coração e um riso musical. A questão é, serão qualidades com as quais nasceu ou foram-lhe incutidas por causa do que aconteceu? O verdadeiro crime da sua infância? Algures *online* a saga completa encontra-se registada em palavras e imagens — imagens de noticiários arquivadas no YouTube, centenas de horas de trabalho de reportagens armazenadas na imensa memória coletiva de uns e zeros. Um jornalista do *New Yorker* quis escrever um livro no ano passado, mas David abafou-o discretamente. Rachel é apenas uma criança, afinal. Às vezes, quando Maggie pensa sobre o que poderia ter corrido mal, tem medo de que o seu coração se parta.

Num gesto instintivo, olha de relance para o *Range Rover*, onde Gil se encontra a comunicar por rádio com a equipa de reconhecimento. Gil é a sombra deles, um israelita corpulento que nunca despe o casaco. Ele é o que as pessoas com o nível de vida deles apelidam de «segurança doméstica». 1,90 metros, 86 quilos. Há uma razão para ele nunca despir o casaco, um motivo que não se discute em círculos educados. É o quarto ano de Gil com a família Bateman. Antes de Gil houve Misha e antes de Misha houve uma

unidade especial de homens carrancudos vestidos de fato e gravata, com armas automáticas na bagageira do carro. Nos seus tempos de professora, Maggie teria feito troça desse tipo de intrusão militar na vida de uma família. Teria dito que era narcisista pensar que o dinheiro os transformava num alvo para a violência. Mas isso foi antes dos acontecimentos de julho de 2008, antes do rapto da filha e dos três angustiantes dias até a terem resgatado.

Nas escadas do avião a jato, Rachel vira-se para trás e, em jeito de troça, faz um aceno régio para a pista vazia. Tem uma manta polar azul por cima do vestido e o cabelo preso num rabo de cavalo com um laço. Qualquer indício de que Rachel ficou traumatizada por esses três dias permanece essencialmente disfarçado — um medo de locais pequenos, uma certa inquietude na presença de homens desconhecidos. Mas a verdade é que Rachel foi sempre uma criança feliz, uma brincalhona esfuziante com um sorriso matreiro, e, embora não perceba como, Maggie dá graças todos os dias pelo facto de a filha não ter perdido isso.

— Boa noite, Senhora Bateman — cumprimenta Emma quando Maggie alcança o cimo das escadas de embarque da aeronave.

— Olá, obrigada — responde-lhe Maggie, num gesto reflexo. Sente a necessidade habitual de se justificar pela riqueza, não necessariamente a do marido, mas a sua, a total improbabilidade da mesma. Era professora não há muito tempo, morando num prédio de seis andares com duas raparigas antipáticas, estilo Cinderela.

— O Scott já chegou? — pergunta ela.

— Não, senhora. É a primeira a chegar. Já abri uma garrafa de *pinot gris*. Quer que lhe traga um copo?

— Ainda não. Obrigada.

No interior, o avião a jato é uma declaração de luxo contido, as paredes curvas guarnecidas com lustrosos painéis de madeira de freixo. Os assentos são em cabedal cinzento e estão descontraidamente dispostos aos pares, sugerindo que o voo é mais agradável quando partilhado com alguém. A cabina de passageiros tem um odor a dinheiro, qual interior de uma biblioteca presidencial. Embora tenha viajado daquela maneira inúmeras vezes, Maggie ainda não conseguia interiorizar toda a sumptuosidade. Um avião inteiro só para eles.

David pousa o filho no seu lugar e tapa-o com um cobertor. Já está noutra chamada, essa agora claramente séria. Maggie percebe-o pela posição sisuda do maxilar de David. O rapaz mexe-se no lugar, mas não acorda.

Rachel detém-se junto ao *cockpit* para falar com os pilotos. É algo que faz onde quer que vá, procurar a autoridade local e tentar extrair todo o tipo de informação. Maggie avista Gil junto à porta do *cockpit*, de olho na miúda de nove anos. Para além da pistola, tem com ele uma arma de eletrochoques e umas algemas de plástico. É o homem mais reservado que Maggie alguma vez conheceu.

Com o telemóvel ainda colado ao ouvido, David dá um pequeno aperto no ombro da esposa.

— Estás contente por voltar para casa? — pergunta-lhe, cobrindo o bocal com a outra mão.

— Mais ou menos — responde-lhe ela. — Isto aqui é tão agradável.

— Podias ficar mais tempo. Quer dizer, temos aquela coisa no próximo fim de semana, mas de resto... por que não?

— Não — replica ela. — Os miúdos têm escola e eu tenho aquela coisa da direção do museu na quinta-feira.

Ela sorri-lhe.

— Não dormi nada de jeito — diz. — Estou só cansada.

O olhar de David desvia-se para algo por cima do ombro de Maggie. Ele franze o sobrolho.

Maggie vira-se para trás. Ben e Sarah Kipling estão parados no cimo da escada de embarque. São um casal abastado, mais amigos do David do que propriamente dela. Não obstante, Sarah dá um pequeno guincho assim que vê Maggie.

— Querida! — exclama, abrindo os braços.

Sarah dá um abraço a Maggie, a hospedeira de bordo especada atrás delas, segurando um tabuleiro com bebidas.

— Adoro o teu vestido — diz Sarah.

Ben passa ao lado da esposa e aborda David, apertando-lhe a mão de forma vigorosa. É sócio numa das quatro grandes firmas de Wall Street, um mandachuva de olhos azuis que enverga uma camisa clássica azul feita por medida e uns calções brancos com cinto.



— Viste a merda do jogo? — pergunta-lhe. — Como é que ele não apanha aquela bola?

— Nem me digas nada... — responde-lhe David.

— Quer dizer, até eu era capaz de apanhar a merda daquela bola, e tenho mãos de manteiga.

Os dois homens ficam virados um para o outro, numa postura cômica, dois machos corpulentos cruzando os chifres pelo puro prazer da luta.

— Ele passou-se — diz-lhe David, depois sente o telemóvel a vibrar. Consulta-o, franze o sobrolho e digita uma resposta. Ben olha de relance por cima do ombro, a sua expressão agora mais séria. As mulheres estão entretidas à conversa. Ele inclina-se ligeiramente para a frente.

— Precisamos de falar, amigo.

David afasta-o com um movimento do ombro, ainda a escrever no telemóvel.

— Agora não.

— Estou farto de te ligar — diz-lhe Kipling. Vai para continuar a falar, mas Emma surge com as bebidas.

— *Glenlivet* com gelo, se bem me recordo — diz ela, estendendo um copo a Ben.

— Você é uma querida — responde-lhe Ben, bebendo metade do uísque de uma assentada.

— Para mim é só água — diz David, quando ela tira um copo de vodca do tabuleiro.

— Com certeza — replica Emma, sorrindo. — Volto já.

A escassos metros de distância, Sarah Kipling já esgotou o tema de conversa. Dá um aperto no braço de Maggie.

— E tu, como é que estás? — pergunta-lhe com um ar sério e pela segunda vez.

— Estou bem, a sério — responde-lhe Maggie. — É só... estes dias de viagem, sabes. Quando chegarmos a casa nem acredito.

— Eu sei. Quer dizer, adoro a praia, mas, se queres que seja sincera, fico saturada. Há um limite para os pores do Sol que podemos observar até nos dar a vontade de ir ao Barneys, não é?

Maggie lança um olhar nervoso para a porta. Sarah apercebe-se.

— Estás à espera de alguém?

— Não. Quer dizer, acho que ainda falta uma pessoa, mas...  
A filha salva-a de ter de se explicar mais.

— Mãe — diz Rachel do seu lugar. — Não te esqueças de que amanhã é a festa da Tamara. Ainda temos de lhe ir comprar a prenda.

— Está bem — responde Maggie, distraída. — Vamos à Dragonfly amanhã de manhã.

Olhando para lá da filha, Maggie vê David e Ben muito juntos, a conversarem. David não parece nada satisfeito. Mais logo podia perguntar-lhe do que se tratava, mas o seu marido tem andado muito pouco comunicativo e a última coisa que ela quer é ter uma discussão.

A hospedeira de bordo passa por ela e estende a água a David.

— Lima? — pergunta ela.

David abana a cabeça. Ben esfrega a parte calva da cabeça num gesto nervoso. Olha de relance para o *cockpit*.

— Estamos à espera de alguém? — pergunta ele. — Vamos lá embora.

— Só mais uma pessoa — responde Emma, consultando a sua lista. — Scott Burroughs?

Ben olha para David:

— Quem?

David encolhe os ombros.

— É um amigo da Maggie — responde ele.

— Não é meu amigo — replica Maggie, ouvindo a conversa. — Quer dizer, os miúdos conhecem-no. Cruzámo-nos com ele esta manhã no mercado. Disse que tinha de ir a Nova Iorque, por isso convidei-o a vir connosco. Acho que é pintor.

Ela olha para o marido:

— Mostrei-te alguns trabalhos dele.

David consulta o seu relógio de pulso.

— Disseste-lhe às dez da noite? — pergunta ele.

Ela acena com a cabeça.

— Bem — responde ele, sentando-se —, mais cinco minutos e vai ter de ir no *ferry* como toda a gente.

Através de uma janela redonda na porta, Maggie vislumbra o comandante na pista de descolagem a examinar a asa. Ele ergue o olhar para o alumínio liso e depois caminha calmamente em direção ao avião.

Atrás dela, J. J. mexe-se a dormir, a boca meio aberta. Maggie aconchega-lhe o cobertor e depois beija-o na testa. Fica sempre com um ar tão preocupado quando está a dormir, pensa ela.

Por cima das costas do assento vê o comandante voltar a entrar no avião. Aproxima-se para os cumprimentar com um aperto de mão, um homem alto e corpulento com uma postura militar.

— Meus senhores — diz ele — e minhas senhoras. Bem-vindos. A viagem deverá ser breve. Algum vento fraco, mas de resto será uma viagem tranquila.

— Vi-o lá fora — diz-lhe Maggie.

— É uma inspeção visual de rotina — responde-lhe ele. — Faça-o antes de cada voo. O avião parece estar em ordem.

— E o nevoeiro? — pergunta Maggie.

A filha dela revira os olhos.

— O nevoeiro não afeta uma máquina sofisticada como esta — explica-lhes o piloto. — Umhas centenas de pés acima do nível das águas do mar e já não haverá nevoeiro nenhum.

— Nesse caso, vou comer um bocado deste queijo — diz Ben. — E se puséssemos música? Ou víssemos televisão? Acho que Boston está a jogar contra os White Sox.

Emma vai procurar a transmissão do jogo no sistema de entretenimento de bordo e segue-se um longo momento enquanto todos guardam os seus pertences e se instalam nos devidos lugares. Adiante, os pilotos procedem à inspeção pré-voo dos instrumentos.

O telemóvel do David volta a soar. Ele consulta-o, franze o sobrolho.

— Ora bem — exclama, começando a ficar impaciente. — Parece-me que não podemos continuar à espera do pintor.

Ele faz sinal com a cabeça a Emma, que vai fechar a porta principal da cabina de passageiros. No *cockpit*, como que por telepatia, os pilotos ligam os motores. A porta da frente está praticamente fechada quando se ouve a voz de um homem gritar:

— Esperem!

O avião oscila quando o último passageiro sobe a escada de embarque. Maggie cora involuntariamente, um arrepio de antecipação formando-se-lhe no estômago. E depois lá está ele, Scott Burroughs, na casa dos 40 anos, muito corado e esbaforido. Tem o cabelo desgredado e percebe-se-lhe alguns grisalhos, mas está barbeado. Veem-se manchas de guache antigas nos seus sapatos de lona *Keds* brancos, em tons de branco-esbatido e azul-verão. Ao ombro traz uma mochila verde suja. Ainda se percebe o rubor da juventude no seu porte, mas as rugas em torno dos olhos são profundas e denotam vivência.

— Peço desculpa — diz ele. — O táxi estava a demorar imenso. Acabei por apanhar um autocarro.

— Mas chegou a tempo — responde-lhe David, acenando com a cabeça para o copiloto fechar a porta. — Isso é que interessa.

— Posso guardar o seu saco, cavalheiro? — pergunta-lhe Emma.

— O quê? — responde Scott, assustando-se momentaneamente com a maneira sub-reptícia como ela se aproximou dele. — Não. Obrigado.

Ela indica-lhe um lugar vazio. Ao dirigir-se para ele, Scott contempla o interior do avião pela primeira vez.

— Ena, caramba — exclama.

— Ben Kipling — diz Ben, levantando-se para apertar a mão a Scott.

— Certo — responde-lhe este. — Scott Burroughs.

Então vê Maggie.

— Olá — cumprimenta, exibindo um sorriso rasgado e caloroso. — Obrigado pela boleia, mais uma vez.

Maggie retribui o sorriso, ruborizada.

— Não nos custa nada — responde-lhe. — Havia lugar.

Scott deixa-se cair no assento ao lado de Sarah. Antes de ter tempo sequer para apertar o cinto de segurança, Emma estende-lhe um copo de vinho.

— Oh! — exclama. — Não, obrigado. Eu não... Pode ser água? Emma esboça um sorriso e retira-se.

Scott olha para Sarah.

— Uma pessoa podia habituar-se a isto, hum?

— Pode crer — replica Kipling.

Os motores rugem e Maggie sente o avião em movimento. A voz do comandante Melody soa nos altifalantes.

— Senhoras e senhores, é favor prepararem-se para a descolagem — anuncia ele.

Maggie olha para os seus dois filhos, Rachel sentada com uma perna enfiada debaixo do corpo, a procurar músicas no telemóvel, e o pequeno J. J. encolhido a dormir, o rosto descontraído com um abandono infantil.

Como acontece em milhares de instantes aleatórios diários, Maggie sente um fluxo de amor maternal, amplificado e desesperado. Aquelas crianças são a sua vida. A sua identidade. Ajeita novamente o cobertor do filho e, ao fazê-lo, sente um momento de leveza quando as rodas do avião deixam o solo. Esse ato de esperança impossível, essa suspensão rotineira das leis da física que mantém os homens de pé, simultaneamente inspira-a e aterroriza-a. Voar. Eles estão a voar. E enquanto se elevam por entre o branco nebuloso, conversando e rindo, embalados pelas canções de cantores de música ligeira da década de 1950 e pelo ruído branco da jogada do batedor, nenhum deles faz ideia de que dentro de 16 minutos o avião irá despenhar-se no mar.